

NARRATIVAS DE PROFESSORES E PROFISSIONAIS DE SAÚDE: PRINCÍPIO METODOLÓGICO PARA A FORMAÇÃO NO CAMPO DA EDUCAÇÃO SEXUAL

NARRATIVES OF TEACHERS AND HEALTH PROFESSIONALS: METHODOLOGICAL PRINCIPLES FOR TRAINING IN THE AREA OF SEXUAL EDUCATION

Eliane Maria da Silva ¹

Léia Teixeira Lacerda ²

Eliane Greice Davanço Nogueira ³

Maria Leda Pinto ⁴

RESUMO: O presente artigo tem por finalidade apresentar os resultados da pesquisa *Educação, Memória e Sexualidade: Narrativas dos Professores e Profissionais de Saúde sobre a Educação Sexual e a Formação Docente*, elaborada por Eliane Maria da Silva, no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba, em 2013. Com o objetivo compreender como os profissionais de saúde e da educação concebem a temática da sexualidade apresentamos e descrevemos o percurso formativo em educação sexual desses profissionais, residentes em 08 (oito) municípios sul-mato-grossenses, tendo como procedimento metodológico para coleta dos dados, as narrativas autobiográficas, participantes também do *Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas/SPE* em Mato Grosso do Sul, durante a Oficina: *Construindo Diálogo sobre Sexualidade Saudável em Tempos de Aids/SIDA*, realizada em meados de 2012. Os resultados evidenciaram que o momento de autorreflexão, possibilitou aos profissionais ressignificarem o imaginário sobre o campo da sexualidade no contexto escolar e, sobretudo, compreenderem as suas histórias de vida e de formação.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas; formação; sexualidade; professores

ABSTRACT: This article aims to show the results of the search *Education, Memory and Sexuality: Narratives of Teachers and Health Professionals about Sexual Education and Teacher Training*, developed by Eliane Maria da Silva, in the *Stricto Sensu* Graduate Program in Education from the State University of Mato Grosso do Sul, University of Paranaíba Unit, in 2013. In order to understand how health and education professionals conceive the



Vol. 9 Número 18 jul./dez. 2014

p. 781 - 794

¹ Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Docente da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande e da Universidade Anhanguera-Underp em Campo Grande, MS, Brasil. E-mail Eletrônico: elianemaria_lika@hotmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Curso de Pedagogia e dos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidades Universitárias de Paranaíba e Campo Grande. E-mail Eletrônico: leia@uems.br

³ Doutora em Educação pela Universidade de Campinas (Unicamp). Docente do Curso de Pedagogia e dos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidades Universitárias de Paranaíba e Campo Grande. E-mail Eletrônico: eg.nogueira@uol.com.br

⁴ Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Curso de Pedagogia e Letras e dos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Campo Grande. E-mail Eletrônico: leda@uems.br

theme of sexuality we present and describe the training course in sexual education of these professionals residents of eight (08) counties in Mato Grosso do Sul, and as a methodological procedure for data collection we have the autobiographical narratives, also participants of *Health and Prevention Project in Schools/SPE in Mato Grosso do Sul, during the Workshop: Constructing Dialogue on Healthy Sexuality in the Time of AIDS/SIDA*, held in mid-2012. Results evidenced that the moment for self-reflection, enabled professionals to give another meaning to the imagery on the area of sexuality in the school context and, above it all, to understand their life and training histories.

KEY WORDS: Narratives; training; sexuality; teachers

Introdução

O presente artigo tem por finalidade apresentar os resultados da pesquisa *Educação, Memória e Sexualidade: Narrativas dos Professores e Profissionais de Saúde sobre a Educação Sexual e a Formação Docente*, elaborada por Eliane Maria da Silva (SILVA, 2013), no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

Com o objetivo de compreender como os profissionais de saúde e da educação concebem a temática da sexualidade, apresentamos e descrevemos o percurso formativo em educação sexual de 7 (sete) professores e 12 (doze) profissionais de saúde — sendo 14 (quatorze) mulheres e 05 (cinco) homens — com idade entre 20 (vinte) e 50 (cinquenta) anos, residentes nos municípios sul-mato-grossenses de Campo Grande, Alcinoópolis, Corguinho, Naviraí, Pedro Gomes, Rio Brillhante, Rio Verde de Mato Grosso, vinculados às Secretarias de Estado de Educação e Saúde de Mato Grosso do Sul.

É uma pesquisa qualitativa que utilizou como procedimento metodológico para coleta dos dados, as narrativas autobiográficas, desses profissionais que participaram do *Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas/SPE* em Mato Grosso do Sul, durante a *Oficina: Construindo Diálogo sobre Sexualidade Saudável em Tempos de Aids/SIDA*, realizada em maio de 2012. Essa oficina teve por objetivo capacitá-los para atuarem como multiplicadores e/ou facilitadores do referido Projeto, desenvolvido com os estudantes do Ensino Fundamental e Médio das escolas públicas dos municípios acima referidos.

Para o levantamento de dados da pesquisa, optamos pelas narrativas autobiográficas escritas. Essa escolha surgiu da necessidade de desenvolver um método de pesquisa que fosse capaz de pensar na pessoa que existe no professor e não apenas quantificá-lo. Segundo Goodson (1995, p. 72), “[...] o uso das narrativas autobiográficas, tanto em situações de pesquisa quanto em formação, permitem que a voz do professor seja ouvida”. Foram essas narrativas, que nos possibilitaram ouvir o que os profissionais da saúde e da educação, tinham para contar sobre as suas vivências relacionadas à sexualidade humana, durante o período da infância e fase adulta.

O projeto que originou o corpus desta pesquisa conta com o apoio dos Ministérios da Saúde e da Educação em parceria com os Estados e municípios e tem como objetivo preparar esses profissionais, a fim de contribuir com a formação integral dos estudantes da Rede Pública de Ensino, por meio de ações de prevenção, promoção e atenção à saúde.

No Estado de Mato Grosso do Sul, o SPE foi desenvolvido, no ano de 2012, em 25 (vinte e cinco) municípios em um total de 23 (vinte e três) escolas públicas de Campo Grande, MS. Em 2013, esse número passou para 57 (cinquenta e sete) escolas atendidas pelo Projeto, que estabelece novos parâmetros para a formação de adolescentes e jovens no campo da sexualidade. As ações do referido projeto ampliam os temas fundamentais apresentados nos Parâmetros Curriculares Nacionais e oportunizam um novo formato ao trabalho preventivo, com a *metodologia da Educação entre os Pares*. Este é um processo de

ensino e aprendizagem em que adolescentes e jovens atuam como facilitadores de ações e atividades com e para outros adolescentes e jovens (BRASIL, 2011).

Desse modo, por meio de oficinas educativas, em que foi utilizada a metodologia da Educação entre Pares, professores e profissionais de saúde foram capacitados por profissionais da Secretaria de Saúde do Estado de Mato Grosso do Sul e do Programa Municipal de DST/Aids de Campo Grande, MS. Após a capacitação, os participantes deram continuidade ao projeto no interior das escolas públicas, com a presença dos adolescentes e jovens, com o apoio e a colaboração dos pais desses estudantes, da comunidade escolar, das ONGs, entre outros.

Dessa perspectiva, o sujeito pesquisado, deixa de ser apenas objeto de pesquisa e passa a ocupar o lugar de sujeito autor ou relator de suas próprias práticas de ensino, a partir das situações cotidianas em que exerce a profissão, assegurando, dessa forma, seu direito de falar e de ser representado por si mesmo. Nas pesquisas acadêmicas envolvendo profissionais da educação, alguns pesquisadores, consideram também que o estilo de vida do professor dentro e fora da escola, a sua identidade e cultura repercute nos modelos de ensino e na sua prática de ensino. (GOODSON, 1995, p. 72).

Sexualidade e narrativas autobiográficas

No percurso investigativo da pesquisa, percebemos que para abordar a temática da sexualidade — por meio das narrativas autobiográficas — é preciso considerar, em primeiro lugar, que a sexualidade ainda se constitui em um assunto polêmico, complexo e repleto de especificidades. Essa abordagem é desafiadora para os professores em sala de aula, sobretudo porque esse professor passa a refletir também sobre a dinâmica da sua sexualidade nesse processo de ensino e aprendizagem com os estudantes.

Segundo, porque o método autobiográfico, com ênfase da abordagem qualitativa, não tem como intenção a preocupação de delimitar, mas sim ampliar a discussão do objeto investigado, “[...] levando para o campo da investigação o sujeito produtor de conhecimento, o sujeito pesquisado, as diferentes abordagens no processo de pesquisa” (NOGUEIRA, 2006, p. 53), o que também representa um grande desafio.

Esse método também foi escolhido para o levantamento de dados dessa pesquisa, pois, conforme Nogueira (2006), possibilita ao pesquisador compreender as insignificâncias e os fragmentos que, por vezes, dão um novo sentido à totalidade das histórias autobiográficas, a fim de fomentar as discussões que permeiam a sexualidade no contexto escolar.

Essas insignificâncias e esses fragmentos — movimentos tão antagônicos — nos aproximam do paradigma da complexidade, em que está delineado o objeto desta pesquisa. Segundo Morin (2002, p. 38), “[...] complexidade é a articulação entre a unidade e a multiplicidade, ou seja, há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si”. Essa articulação entre os estudos da sexualidade no cotidiano escolar e as narrativas autobiográficas permitirá tecer novos saberes, que têm a intencionalidade de revelar os fatos ao invés de simplesmente comprová-los. Para Nogueira (2006, p. 56):

Entender a realidade de forma mais ampla, levando em conta as diferentes manifestações que possam ocorrer a partir das construções subjetivas dos sujeitos sociais, não consiste em fuga ao objetivismo, mas em posicionamento aberto e crítico à existência da ação e intervenção dos sujeitos nos processos sociais dos quais fazem parte.

De acordo com essa autora, o pesquisador que optar pela pesquisa autobiográfica terá, por vezes, que romper com as formas limitadas e limitantes de se fazer pesquisa, tendo

em vista que os métodos fechados e definidos poderão limitar os possíveis resultados e as discussões pretendidas pelo pesquisador com o seu objeto de estudo. Desse modo, Pais (2003, p. 31) alerta sobre os riscos de métodos muito bem-definidos:

[...] que mais parecem moldes antecipadamente preparados a que um alfaiate desajeitado adapta laboriosamente um tecido que mal conhece, ou seja, o tecido social, fazendo com que esse tecido pareça aquilo que não é.

Diante disso, percebemos o quanto ainda é difícil refletir sobre a sexualidade com os professores e o quanto a escolha do método foi importante para alcançar os objetivos estabelecidos neste estudo. Inicialmente, no projeto de pesquisa, elaboramos um questionário com perguntas abertas e fechadas, para abordar as questões que gostaríamos de evidenciar, no entanto, desistimos desse método, pois constatamos que limitaria as respostas dos profissionais e acabaria induzindo-os a escolherem uma das opções apresentadas.

Dessa forma, buscamos uma nova metodologia que não limitasse ou direcionasse as concepções dos professores sobre o campo da sexualidade. Optamos para tanto, pela entrevista com perguntas semiestruturadas, com um roteiro previamente elaborado, entretanto esse método também não seria o mais adequado para a realização dessa pesquisa.

Quando contactamos os professores que poderiam contribuir com este estudo, deparamo-nos com duas situações: os professores com quem tínhamos convívio mais próximo ficaram receosos em falar sobre uma parte da história de suas vidas que envolve a sua sexualidade, pois, segundo eles, esse é um assunto íntimo e pessoal; por outro lado os professores que não nos conheciam mostraram-se inseguros em participar da entrevista, justamente porque estavam revelando-nos fatos que poderiam expor sua vida diante de uma pessoa “desconhecida”.

Diante desses fatos, a pesquisa autobiográfica, possibilitou-nos ouvir as histórias de vida e a formação sobre a sexualidade dos professores e dos profissionais de saúde que atuam no Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas, sem restringir as concepções de sexualidade, bem como interferir nos fatos que estavam dispostos a narrar.

Entretanto, após definir que a narrativa autobiográfica seria o método de pesquisa que nos possibilitaria ouvir as narrativas desses profissionais sobre a sexualidade, percebemos que essas narrativas, mesmo antes de serem elaboradas, no nosso imaginário de pesquisadoras, também estavam dotadas de intencionalidades, ou seja, de alguma forma precisaríamos de um roteiro pré-estabelecido, capaz de nos auxiliar para que as narrativas fossem direcionadas ao objeto de estudo da presente pesquisa.

Ao elaborar o roteiro para o levantamento das narrativas e de modo cuidadoso, possibilitar que os participantes pudessem rememorar e reescrever dados que compunham as suas histórias de vida em relação à sexualidade, oportunizamos uma produção intencional, provocada a partir do diálogo entre os objetivos da pesquisa e o imaginário dos pesquisados — neste caso, os profissionais de saúde e educação — que participaram do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas.

O resultado dessa relação foi a produção intencional das narrativas que foram coletadas durante a pesquisa e que neste texto serão apresentadas parcialmente. Nesse sentido é que se “[...] evidencia o caráter de intencionalidade comunicativa da narrativa autobiográfica” (BUENO, 2002, p.20).

Dessa forma, Dartigues (2005) ressalta que, quando se visa a algo ou a um objetivo dentro de um campo de pesquisa, é necessário que o pesquisador reflita sobre a união entre o ato e o objeto, mediante a consciência, ou seja, a intencionalidade.

O princípio da intencionalidade é que a consciência é sempre “consciência de alguma coisa” que ela

só é consciência estando dirigida a um objeto. Por sua vez o objeto só pode ser definido em sua relação à consciência, ele é sempre objeto-para-um-sujeito. Podemos, pois, falar, de uma existência intencional do objeto na consciência (DARTIGUES, 2005, p.22).

Essa escolha metodológica possibilitou-nos recorrer aos estudos de Ferrer (1995, p.166) que destaca que “[...] a narração do conhecimento outorga compreensão da realidade [...], pois, o escrito explica a vida”. Para a autora, as narrativas escritas representam um excelente instrumento metodológico, em pesquisas, tendo em vista que essas narrativas liberam com mais intensidade, do que a oral, a compreensão nas especificações e restrições do corpus da pesquisa. Além disso, ao narrar os acontecimentos, o narrador poderá iniciar um processo formativo ou autoformativo, o que, segundo Ferrer (1995, p. 178), representa:

[...] compartilhar a historicidade narrativa e a expressão biográfica dos fatos percorridos se converte em um elemento catártico de desalienação individual e coletiva, que permite situar-se desde que uma nova posição no mundo em movimento ocorre o desvendar de elementos um tanto enigmáticos, para o próprio sujeito da narração que, na maioria dos casos, nunca havia sido motivado a expressar de forma organizada.

Nessa perspectiva, ao expressar as nossas ideias e opiniões de forma organizada, temos a oportunidade de analisá-las, e esse exercício, pode representar um processo de formação e informação.

Isso ocorre porque, segundo Souza (2004, p. 13), “[...] a escrita da narrativa remete o sujeito a uma dimensão de autoescuta, como se estivesse contando para si próprio suas experiências e as aprendizagens que construiu ao longo da vida, por meio do conhecimento de si”.

Para Elbaz (1990, p.45), contar histórias para si, por meio das narrativas, representa um excelente recurso metodológico, e, especificamente, nas pesquisas que envolvem os professores, tendo em vista que contribuem para “[...] tornar pública a voz dos professores” e possibilita a melhoria das práticas pedagógicas.

Diante disso, Batista (2009, p.33) explica — sobre essa prática — que foi em meados do Século XX, especialmente na década de 1990 que “[...] uma tendência político-pedagógica começou a ser instituída no Brasil, momento esse que o professor e sua formação foram trazidos para o centro das investigações e ganharam espaço nos debates educativos”. Segundo a autora, foi nesse período que — no meio acadêmico — se elevou a quantidade de pesquisas relacionadas às histórias de vida e às práticas desses profissionais.

Nesses estudos, tornou-se evidente a importância de recuperar as histórias de vida dos professores e discutir temas relacionados à autorreflexão e reflexão, as experiências cotidianas e os saberes construídos no exercício da profissão. Além disso, integraram essas discussões o tipo de formação inicial e continuada que poderia ser considerado adequado às necessidades educativas sob a perspectiva sociocultural, em que esse profissional lecionava (BATISTA, 2009).

Desse modo, as práticas de formação, segundo Nóvoa (1988), são propostas a partir das histórias de vida desses profissionais, e, ainda, que a formação seja pautada nas experiências de vida desses protagonistas, são excelentes fontes de aprendizagens e de saberes que consolidam e subsidiam o trabalho pedagógico.

Essa compreensão é necessária porque o professor se depara cotidianamente com situações que necessitam de reflexão, como por exemplo: os conflitos em sala de aula, os problemas na aprendizagem dos alunos, o desenvolvimento de um planejamento diferenciado para atender os diferentes níveis de aprendizagem, a elaboração de avaliações, o relacionamento com a equipe técnica escolar, o relacionamento com os pais, com a comunidade, entre outros. Ao refletir sobre essas situações, esse profissional poderá ir além, ou seja, ao ou momento de autorreflexão.

Nessa mesma linha de raciocínio, Coltro (2000) compreende que é por meio dessa reflexão que se dá a apropriação do nosso ato de existir, promovida por uma crítica aplicada às obras e aos atos — como uma interpretação dos símbolos dessas obras e desses atos.

Portanto, voltar-se para os próprios atos e pensamentos possibilita a reflexão, tendo em vista que as narrativas podem contribuir para a formação do profissional de educação, na medida em que ele compreende a si próprio e aos outros por meio da autorreflexão. Desse modo, quando esse profissional narra as situações ocorridas — oral e/ou escrita — e consegue tomar distância dos fatos apresentados, muitas vezes carregadas de emoções, tem a oportunidade de ler e (re)ler a sua própria história e suas ações, inclusive, teorizando a própria prática pedagógica.

Cunha (1997) também colabora com essa perspectiva ao afirmar que esse pode ser um processo profundamente emancipatório em que o sujeito aprende a construir a sua própria formação, autodeterminando a sua trajetória. É claro que essa possibilidade requer algumas condições, como por exemplo, a disposição do sujeito em analisar criticamente a si próprio; a separar olhares que contenham um viés afetivo presente na caminhada; colocar em dúvida as crenças e os preconceitos, enfim, desconstruir seu processo histórico para melhor poder compreendê-lo.

Sabemos, no entanto, que essa não é uma tarefa fácil, mas é necessária para a formação de professores capazes de refletir sobre a sua própria prática, pois a reflexão é um excelente mecanismo de desenvolvimento do pensamento, da ação e da prática pedagógica desse profissional.

É importante ressaltar que, nessa pesquisa, nosso interesse esteve direcionado a um grupo específico de profissionais que atuam em um projeto de educação sexual nas escolas públicas dos seus municípios tendo como foco as experiências de cada um deles. Dessa maneira, a escolha do caminho não foi aleatória, tendo em vista que as narrativas, como um princípio metodológico, têm sido constantemente utilizadas por pesquisadores que procuram investigar a subjetividade, como Connelly e Clandinin (1995), que evidenciam e justificam que a principal razão de usar narrativa em pesquisas educacionais é que:

[...] os seres humanos são organismos contadores de histórias, organismos que individual e socialmente vivem vidas relatadas. O estudo da narrativa, portanto, é o estudo da forma que os seres humanos experimentam o mundo (CONNELLY; CLANDININ, 1995, p. 11).

Essa compreensão foi fundamental para que pudéssemos optar por um método que fosse capaz de ouvir a voz dos protagonistas participantes, pois é o próprio sujeito pesquisado quem contará e modelará a narrativa apresentada na pesquisa, com a mesma autoridade e veracidade de outras investigações científicas, que utilizam os métodos voltados para a racionalidade instrumental e técnica.

Benjamin (1985, p. 198), uma das autoridades da crítica literária, afirma que “[...] a narrativa alimenta o sujeito da experiência”. Segundo o autor, significa que a narrativa procura evitar as explicações e evidenciar os fatos, pois são na verdade:

Uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-lo dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador (BENJAMIN, 1985, p. 205).

Para o autor, a marca do narrador significa que a informação tem o fim em si mesmo, ou seja, o seu valor está no momento em que ela surge, no contexto em que ela foi apresentada, e, após esse momento, ela poderá ampliar o seu valor e os seus significados. Em outras palavras, Silva, M. (2007, p. 50) relata que “[...] se a informação e o relatório transmitem o ‘puro em si’, diferentemente é a narrativa, ela é capaz de se desenvolver

muito tempo depois do seu surgimento, ela é de natureza utilitária”. Ainda segundo a autora:

O texto narrativo é um texto capaz de imbricar racionalidades e sensibilidades, consciência e inconsciência, eu e nós, presente e passado relacionando diferentes camadas de tempo, camadas de espaços e de relações sociais (SILVA, M., 2007, p. 50).

Nessa perspectiva, ao utilizarmos os textos narrativos, tivemos a oportunidade de nos deparar com histórias de vidas completas, ou seja, o narrador não apresentou apenas fatos isolados de sua vida ou respondeu a perguntas pontuais. Dessa forma, foi necessário olhar com maior sensibilidade as informações contidas nas histórias de vida, para não perder de vista a importância dos dados apresentados. Em se tratando de educação sexual, essa sensibilidade é imprescindível, uma vez que a sexualidade é um assunto, constantemente acompanhado, de juízos de valor, preconceitos, opiniões adversas, valores religiosos, culturais, entre outros.

Dessa maneira, as narrativas dos profissionais de saúde e educação, em relação à sexualidade, estavam intimamente relacionadas à rememoração de fatos ocorridos ao longo de suas vidas.

Rememorar para Benjamin significa buscar o passado vivido como opção de questionamento das relações e sensibilidades sociais existentes também no presente, uma busca atenciosa relativa aos rumos a serem construídos no futuro. (GALZERANI, 2005, p. 63).

Na perspectiva de não esquecer o passado, mas rememorar-lo, e a partir dessa rememoração buscar entender o presente é que optamos por analisar as narrativas, e, para tanto, convidamos profissionais que primeiramente estavam dispostos a narrar suas experiências pessoais e profissionais relacionadas com as vivências da sexualidade. Nesse percurso nos deparamos com os profissionais de saúde e educação que estavam envolvidos em uma capacitação no município de Campo Grande, MS, para atuar no Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas.

Narrativas de Professores e Profissionais de Saúde sobre as Vivências da Sexualidade

O grupo de narradores que compõe o *corpus* da pesquisa está dividido de acordo com a profissão: 2 (dois) Técnicos de Enfermagem; 2 (dois) Conselheiros Tutelares; 1 (um) Fisioterapeuta; 1 (um) Psicólogo; 1 (um) Assistente Social; 1 (um) Fonoaudiólogo; 1 (um) Enfermeiro; 1 (um) Agente de Saúde; 2 (dois) Coordenadores do Programa DST/Aids e 7 (sete) professores.

No início de cada relato utilizamos a letra N=narrativa, seguida de um número codificador 1, 2, 3, 4... pois, com essa identificação, facilitamos a leitura e compreensão do texto pelo leitor.

Antes dos profissionais produzirem as suas narrativas, comunicamo-lhes que a identificação era opcional; mesmo assim, a maioria se identificou como autor da narrativa. Para manter a uniformidade dos relatos e preservar a identidade dos pesquisados optamos por codificá-los pelas iniciais do nome, seguidas do sexo, da profissão, da cidade em que moram e da data em que foram coletados os relatos.

O convite aos profissionais da saúde e aos professores ocorreu durante uma das Oficinas em Educação Preventiva das DST e da Aids, organizada pela Secretaria de Estado de Saúde Mato Grosso do Sul, denominada: “Construindo Diálogo sobre Sexualidade Saudável em Tempos de Aids”, no dia 25 de março de 2012, no Hotel Chácara do Lago, situado no município de Campo Grande, MS.

Para que os profissionais pudessem narrar suas histórias de vida e de formação

sobre a compreensão do campo da sexualidade, elaboramos algumas questões dissertativas, a fim de norteá-los no processo de escrita das narrativas. Todavia, é importante ressaltar que esses profissionais receberam uma folha em branco e só respondiam às questões que se sentiam à vontade. Também não tinham um tempo pré-estabelecido para esse momento da escrita, realizado durante a oficina.

Antes dos profissionais responderem às perguntas orientadoras, apresentamos um conjunto de *slides* denominado “Telas e Janelas”, que apresentavam 20 (vinte) imagens diferenciadas de telas e janelas. Essas imagens contribuíram para o levantamento de dados desta pesquisa justamente por instigarem o imaginário do professor sobre a sexualidade no contexto escolar e permear suas histórias de vida e a formação, utilizadas como metáforas, pois, para Sá-Chaves (1997), elas abrem espaço para outras significações, com sentido novo e vivificante.

Essas metáforas foram escolhidas com a intenção de auxiliar a interpretação das memórias que os participantes deste estudo apresentam sobre as vivências da sexualidade, enquanto participantes do *Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas*, que busca, por meio de ações educativas, oportunizar aos estudantes das escolas públicas a reflexão sobre a melhor forma de viver sua sexualidade nos dias atuais.

Para tanto, solicitamos aos profissionais que escolhessem as janelas ou telas que melhor expressassem a forma como a sua sexualidade foi vivenciada na infância e posteriormente na adolescência. Essas escolhas foram orientadas pelas seguintes perguntas norteadoras, lidas pausadamente, enquanto escreviam suas narrativas de vida e formação: *“Por que você escolheu essa imagem? O que ela representa para você? Em que ela se assemelha a sua sexualidade? Que tipo de educação sexual você recebeu? Você recebeu alguma orientação? Quais valores foram construídos ou desconstruídos? Isso te ajudou ou te prejudicou? Você está na fase adulta agora... Qual a sua formação? Em que momento você percebeu a necessidade de trabalhar com a orientação sexual/com a prevenção? Quais fatores contribuíram para que você optasse trabalhar com a sexualidade? Você recebeu alguma formação? Como você buscou se aperfeiçoar?”*.

A partir do conjunto de narrativas apresentadas nesse primeiro momento, percebemos o quanto as memórias sobre a dinâmica da sexualidade, vivenciadas na infância e na adolescência, ainda permeiam as lembranças desses profissionais.

Apresentamos, neste artigo, trechos dessas narrativas. A primeira imagem escolhida retrata especialmente muitas recordações familiares, que foram peculiares entre os narradores que a escolheram.



Figura 1 - Janela 9 - O Violeiro (ALMEIDA JÚNIOR, 1899).

Fonte:http://www.cecac.org.br/Artes_Almeida_Jr.htm

N.1: *Eu escolhi a janela 9 porque faz eu lembrar do meu pai e minha mãe, no tempo de adolescente, nos morávamos na fazenda e com frequência meu pai chamava eu para conversar, dizia que deveria se prevenir quando fosse manter relação sexual. Então quando vi a imagem me recordei dos velhos tempos, eu tenho certeza, que isso serviu e serve hoje para mim, sendo que se não fosse meus pais não estaria bem hoje e com saúde.* (JAF, masculino, Profissional de Saúde, Alcinoópolis, MS, 24/5/2012).

N.2: *Escolhi essa janela porque acho que representou a maneira que recebi as orientações sexuais na minha adolescência, quando tinha meus 13 e 14 anos. Não que recebi dos meus pais, eles não falavam desse assunto naquela época, mais eles não impediram de outras pessoas a orientar sobre o assunto. Eu lembro que um vizinho da casa de meus pais disse a eles: olha tem um livro muito interessante que sua filha deve ler, é sobre sexualidade. Era um livro de Marta Suplicy uma sexóloga. E isso foi o norte para meu conhecimento sobre sexo. E essa janela me lembra a maneira suave de como eu fui conhecendo.* (MBCA, feminino, Profissional de Saúde, Campo Grande, MS, 24/5/2012).

N.3: *Valores repassados principalmente pela minha mãe, tendo como exemplo o carinho e atenção mútua entre meus pais no cotidiano familiar. As orientações ajudaram, de fundamental importância.* (MPSL, feminino, Professora da Educação Básica, Corguinho, MS, 24/5/2012).

N.4: *Porque na imagem aparecem duas pessoas, e uma delas é um violeiro bem descontraido. E elas me representam com meus pais em um papo bem aberto sobre sexualidade porque eles até hoje se for preciso eles falam abertamente e com isso aprendi a ser uma pessoa sem medo de expressar o que acha. Essa orientação me ajudou e por isso sou muito grata a eles.* (JPSM, masculino, Professor da Educação Básica, Naviraí, MS, 24/5/2012).

Na N.1 é o pai que conversava com o filho sobre a primeira relação sexual. Essa informação difere de todos os outros relatos que foram apresentados, visto que, quando houve diálogo foi a figura materna a que mais dialogou com os filhos sobre as vivências da sexualidade.

Dessa maneira é possível perceber na N.1 que há uma diferença na educação sexual oferecida pelos pais de acordo com o gênero, ou seja, na história da sexualidade, do ponto de vista erótico, de pai para filho, tudo é autorizado, mas, do ponto de vista de pai para filha, nem tudo é autorizado e bem visto, conforme apresentamos nas discussões ao longo desta pesquisa.

Essa diferença em relação à sexualidade do menino e da menina faz parte de um produto histórico-cultural, em que o poder disciplinar produziu diferenças em relação ao sexo masculino e feminino. De acordo com Louro (1997, p. 23) “[...] observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem”.

Dessa forma, a educação sexual das crianças começa a ser elaborada primeiramente no imaginário dos pais, antes mesmo do nascimento. Entretanto, está intimamente relacionada às concepções sexuais adotadas por eles, constituídas nos diversos grupos sociais de que participam. Isso significa que os pais, desde o início da gestação, criam expectativas em relação aos seus filhos e uma delas diz respeito ao sexo da criança, seguida de outras que se delineiam ao longo da vida.

Entretanto, conforme afirma Louro (1997), mesmo que os pais busquem educar sexualmente seus filhos de acordo com suas expectativas, é importante compreender que essa educação está relacionada também às influências advindas dos diversos grupos sociais em essa criança está inserida.

A partir desse primeiro do conjunto de narrativas apresentadas, foi possível compreender como a sexualidade foi vivenciada por esses profissionais no período da infância. Logo no início da produção discursiva suas memórias sobre a sexualidade, percebemos que quando esses profissionais começaram a escrever recordaram de detalhes muito íntimos de sua vida que, por vezes, pareciam ter sido esquecidos.

Foi possível constatar também nos relatos que poucos profissionais afirmaram ter

recebido algum tipo de informação sobre a dinâmica da sexualidade em casa, por parte de seus pais. Alguns que afirmaram ter recebido essas informações também disseram que foram importantes, embora insuficientes para responder as suas curiosidades, o que resultou na busca de informações em outras fontes, como amigos, escola ou pessoas mais próximas.

Nesse sentido, os profissionais de saúde e educação apontaram que a auto-orientação foi necessária para responder as suas curiosidades e/ou dúvidas sexuais. Entre as fontes de informação mais recorrentes estavam os amigos, livros ou revistas, e poucos disseram ter sanado essas dúvidas na escola e/ou em outras instituições.

A educação religiosa também foi citada por muitos profissionais. Entre essas narrativas, percebemos que alguns não consideram a religião como um aspecto negativo, e, sim, a utilizaram nos relatos para justificar as dificuldades dos pais para oferecer aos filhos informações sobre a educação sexual durante o período da infância e da adolescência.

Também observamos nas narrativas que a escolha das imagens por esses profissionais esteve em vários momentos de suas vidas associada às lembranças da mãe, ou seja, em muitas narrativas percebemos que as lembranças sobre as vivências da sexualidade — no período da infância e adolescência — estavam relacionadas à figura materna, sendo essas relações descritas de forma positiva e/ou negativa.

No segundo momento, orientamos os participantes para escolherem outra imagem, ou a mesma, para representar a sua fase adulta e a sua formação profissional, com as seguintes considerações: *“Você já é um profissional agora... Escolha outra janela para representar seus sentimentos diante do trabalho que você realiza nos projetos de orientação sexual/ou nos trabalhos realizados na escola... Que tipo de educador sexual você se considera? Como é a sua prática? Quais valores você passa? Você tem algum medo ou dificuldade para trabalhar com esse tema? O que o aprisiona? Você se sente bem? O que poderia contribuir para que você desenvolvesse melhor o seu trabalho?”*.

A partir do conjunto de narrativas apresentadas nesse segundo momento, foi possível constatar que muitas histórias acabaram por se assemelhar em muitos aspectos, no que diz respeito à ausência de informações sobre o campo da sexualidade. Essa constatação despertou nesses profissionais de saúde e educação a necessidade de abordar essa temática na escola, e oferecer a outras crianças, adolescentes e jovens a educação sexual, cujas orientações pouco receberam na infância, no ambiente familiar, bem como no ambiente escolar.



Figura 8 - Janela 15. Fonte: Getty images.

N.20: *Sempre percebi que a sexualidade nunca era tratada de uma forma normal dentro das famílias, percebi isso entre minha família, na família dos amigos. Quando formei pude perceber que muitas dúvidas ainda existiam em minha cabeça com relação a esse assunto. Então imaginei assim, isso não deve acontecer só comigo, outras pessoas também devem se sentir assim. Então como eu, um profissional da saúde poderia estar ajudando os outros (comunidade) a quebra desses tabus, a quebrar esses paradigmas sobre a sexualidade? Quando entrei na UBS do meu município me interessei pelos trabalhos que já vinham sendo feitos em relação a isso e foi assim que acabei chegando aqui, porque busco cada dia mais e mais conhecimento para poder estar contribuindo comigo mesmo e com minha comunidade. (janela 15). Eu vejo ali várias janelas (um complexo) toda do lado uma das outras. E é assim que me sinto, as várias janelas representam para mim os vários conhecimentos adquiridos, tantas e tantas ideias a colocar em prática, as inúmeras dificuldades encontradas. São tantas coisas a serem feitas que a gente as vezes fica perdido. A sexualidade é muito difícil de ser abordada na nossa sociedade, esse é meu ponto de vista e também minha maior dificuldade. O não saber como abordar é que me dificuldade trabalhar de uma melhor esse tema em meu meio. Acho que falta materiais mais didáticos para trabalharmos os assuntos, uma abordagem mais dinâmica, descontraída ajudaria bastante. Um trabalho mais estruturado e mais contínuo com apoio de todos. (EFD, masculino, Profissional de Saúde, Alcínópolis, MS, 24/5/2012).*

Na N.20, o profissional de saúde EFD considera que as várias janelas representam todo o conhecimento adquirido ao longo de sua vida e tantas ideias que gostaria de colocar em prática, mas não consegue por causa das inúmeras dificuldades, como por exemplo, falta de materiais didáticos nas Unidades de Saúde para que os profissionais possam desenvolver esse trabalho educativo.

Em meio a essa situação, afirma que, por vezes, se sente impotente diante da desorganização que ainda envolve essa temática, além de considerar que muitas pessoas ainda possuem *suas janelas fechadas* para discutir essas temáticas no próprio ambiente de trabalho. Sobre essa questão, Ribeiro (1990, p.1) afirma: “[...] É a questão do óbvio inaplicado: saber e mesmo assim não fazer”.

A imagem apresentada a seguir, possibilitou-nos uma reflexão sobre uma situação observada no decorrer da mesma oficina, apontada na N.31, em que foi possível fazer o levantamento das narrativas para esta pesquisa. Observamos que os participantes foram extremamente receptivos com as discussões propostas, estavam abertos a repensar muitas concepções pré-estabelecidas sobre a educação sexual que receberam e dispostos a oferecer aos adolescentes e jovens que se propuseram a orientar.



Figura 11 - Janela I. O Falso Espelho (MAGRITTE, R. 1921).

Fonte: <http://pinterest.com/jesumartinez/rene-magritte/>

N.31: *Na minha primeira formação não trabalhei com isso, mas ao trabalhar com pessoas vi que a sexualidade e os tabus interferem na vida de uma forma tão intensa que trabalhar este tópico se torna a base de muitos assuntos, vim para poder assumir minha posição e ajudar a quebrar separações que fazem pessoas ilhas. Não tive anterior a este nenhuma capacitação o que vejo é através de mídias e literatura, mas nada aprofundado. com relação a minha condição como profissional hoje enxergo pela janela l que ao meu ver significa que agora sem me esconder e sem muitos dos obstáculos posso visualizar o mundo não só como um ouvinte ou coadjuvante mas sim com ator ativo no processo de construção de verdadeiros cidadãos, pessoas mais completas. A partir dessa janela posso ver, observar, sonhar, e agir fazendo com que me sinta mais responsável pelo processo de construção desse programa. Me considero ainda um educador sexual em construção e descoberto que tenho que desfazer muitos preconceitos sociais, morais e religiosos mais que visa a pessoa humana e não seus atos e sim a sua plenitude como ser humano. Tenho medo de errar pelo excesso ou de liberdade ou de aprisionamento em conceitos, mais creio que como aprendiz e observador tenho me sentido bem com a possibilidade de somar a uma parte da educação pouco discutida. A maior integração e apoio não só moral mas estrutural dos agentes envolvidos possibilitaria um melhor resultado de tudo que foi visto, culminando com um acompanhamento por parte de vocês com uma instrumentalização e viabilização de encontros continuados e feedback das experiências. (RPP, masculino, Professor da Educação Básica, Campo Grande, MS, 24/5/2012).*

Dessa forma observamos nas narrativas apresentadas no segundo momento que, a maioria dos participantes acredita que é possível viabilizar as discussões da sexualidade na escola e, para que isso ocorra, considera em suas narrativas escritas que é necessário investir em um conjunto de fatores, que envolve o comprometimento da equipe escolar, da família, dos profissionais de saúde, além de mais investimento nas políticas públicas governamentais, sobretudo, na formação dos profissionais que estão todos os dias em contato com essas questões, seja nas Instituições Escolares ou nas Unidades de Saúde.

Dessa maneira, com os resultados da pesquisa apresentados neste artigo, não objetivamos encerrar as discussões, mas incentivar novas pesquisas e reflexões sobre os assuntos abordados, destacando que o método autobiográfico foi essencial para o delineamento do objeto investigado. Dessa forma, as narrativas apresentadas evidenciaram muitas histórias de vida tecidas com muitos traços em comum em relação às vivências da sexualidade, iniciadas no período da infância até ao exercício da profissão, já na fase adulta.

Desse modo, mesmo que os participantes não tivessem entre si nenhum vínculo familiar e residissem em diferentes municípios sul-mato-grossenses, em muitos momentos foi possível perceber que muitas das histórias se assemelharam quando o assunto da educação sexual foi abordado na esfera familiar e a escolar.

Nesse percurso investigativo, também constatamos, por meio das narrativas, a riqueza das relações estabelecidas entre as imagens escolhidas e as representações escritas pelos profissionais que as escolheram e foi possível apreender o quanto a imagem escolhida esteve intimamente relacionada com as histórias de vida que foram apresentadas, pois os profissionais fizeram diversas associações imaginárias entre as imagens e a forma como concebem a dinâmica da sexualidade.

Diante disso, compreendemos que o uso das imagens e os resultados das metáforas nas pesquisas educacionais possibilitam, segundo Garcia (1999, p. 159), “[...] averiguar algo sobre a natureza do pensamento do professor e sua relação com o contexto no qual adquire significado”. Ao trazê-las para esta pesquisa, como forma de auxiliar o momento de autorreflexão, foi possível possibilitar aos participantes ressignificarem o imaginário sobre o campo da sexualidade no contexto escolar e, sobretudo, compreenderem as suas histórias de vida e de formação.

Referências

BATISTA, V. L. **Por entrelinhas na escrita de memoriais de formação:** aproximações e distanciamentos. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de

Campinas, Campinas, SP, 2009.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

BUENO, B. O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. In: _____. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p. 11-30, jan./jun. 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Adolescentes e jovens para a educação entre pares: metodologias.** Brasília: MS/SVS, 2011. (Saúde e Prevenção nas Escolas, v. 3) (Série B. Textos básicos de Saúde).

COLTRO, A. A fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 11, 1. trim. 2000. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C11-ART05.pdf>>. Acesso em: 15 nov.2012.

CONNELLY, M.; CLANDININ, J. Relatos de experiência e investigação narrativa. In: LARROSA, J. **Déjame que te cuente.** Barcelona: Editorial Laertes, 1995.

CUNHA, M. I. da. **Conta-me agora!:** as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. Rev. Fac. Educ., São Paulo, v. 23, n. 1-2, jan. 1997.

DARTIGUES, A. **O que é a fenomenologia?** Tradução de Maria José J. G. de Almeida. 9.ed. São Paulo, SP: Centauro, 2005.

ELBAZ, F. Teachers' knowledge of teaching: strategies for reflection, In: SMITH, J. (Ed.) **Educating teachers: changing the nature of pedagogical knowledge.** London: The Falmer Press, 1990. p. 45-53.

FERRER, V. C. La crítica como narrativa de las crisis de formación. In: LARROSA, J. **Déjame que te cuente.** Barcelona: Editorial Laertes, 1995.

GALZERANI, M. C. B. Imagens entrecruzadas de infância e de produção de conhecimento histórico em Walter Benjamin. In: FARIA, A. L. G. de; DEMARTINI, Z. de B. F.; PRADO, P. D. (Orgs.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças.** Campinas, SP: Autores Associados, 2005. p. 49-68.

GARCÍA, C. M. **Formação de professores: para uma mudança educativa.** Porto: Porto Editora, 1999.

GOODSON, I. F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores.** 2. ed. Lisboa: Porto Editora, 1995.

LOURO, G. L. (Org.). **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.

NOGUEIRA, E. G. D. **Quem viaja muito tem o que contar:** narrativa sobre percursos e processos de formação de professores da educação básica. 2006. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

NÓVOA, A.; FINGER, M.(Org.). **O método (auto)biográfico e a formação.** Lisboa: Ministério da Saúde, 1988.

PAIS, J. M. **Vida cotidiana: enigmas e revelações.** São Paulo, SP: Cortez, 2003.

RIBEIRO, P.R. M. **Educação sexual além da informação.** São Paulo, SP: EPU, 1990.

SÁ-CHAVES, I. (Org.) **Percursos de formação e desenvolvimento profissional.** Porto, Portugal: LDA, 1997.

SOUZA, E. C. de. **O conhecimento de si:** narrativas do itinerário escolar e formação de professores. 2004. 344 f. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2004.

SILVA, Eliane Maria da. **Educação, memória e sexualidade:** narrativas dos professores e

profissionais de saúde sobre a educação sexual e a formação docente. 2013. 191f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba, 2013.

SILVA, M. P. **Memórias de professores(as) sobre sexualidade e o currículo como narrativa**. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2007.

Recebido em: 09/03/2014

Aprovado para publicação em: 30/10/2014